

HISTÓRIA LOCAL EM MOSSORÓ: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

Sadraque Micael Alves de Carvalho
André Victor Cavalcante Seal da Cunha

RESUMO

Essa comunicação tem por meta expor os resultados de uma pesquisa cujo objetivo consistiu em identificar a relação entre os conteúdos da história de Mossoró, que os alunos afirmam terem estudado na escola, e a identidade local, difundida pelo poder público municipal. Por meio dos questionários aplicados aos alunos do 9º ano das escolas municipais de Ensino Fundamental identificamos a forte presença da História/Memória Oficial da cidade nas respostas desses sujeitos. Assim, destacamos a maneira pela qual os alunos explicitam os conteúdos da história local que já estudaram. A análise destas respostas aponta para uma possível fragilidade dessa identidade homogeneizante, que o poder local tenta difundir através de mecanismos de (re)memoração.

Palavras-chave: história local, memória, identidade

Desde sua constituição no Brasil, em 1837, a disciplina de história vem aglutinando funções relacionadas à construção de uma identidade nacional. Essa meta, que não foi designada exclusivamente à disciplina de história, foi pensada a partir de um ensino cívico. Assim, forjar um passado nacional comum a toda sociedade brasileira foi uma marca característica da disciplina de história no Brasil, respeitadas as singularidades de cada época. É o que nos atesta a professora Circe Bittencourt:

Mesmo verificando abordagens diversas das pesquisas que se dedicam à história do ensino de história ou de seus manuais, essas têm comprovado que a partir do processo de constituição de disciplina escolar no século XIX, sua finalidade fundamental é a da construção de uma identidade nacional, justificando-se sua permanência e obrigatoriedade nos diversos currículos no Brasil.

Como salientamos, não coube somente à disciplina de história a tarefa de consolidar essa identidade nacional patriótica. Investigando a construção da memória histórica nacional durante as primeiras décadas da República, Bittencourt analisa o papel das festas cívicas, em que são comemorados eventos e homenageados os heróis nacionais. Em sua opinião essas “tradições nacionais” são responsáveis também pela cristalização de uma “memória histórica desejável” . Na atualidade, os pesquisadores do ensino de história parecem concordar também quanto ao fato da disciplina ocupar-se não mais da criação/difusão de uma identidade, como outrora, mas de múltiplas identidades, caracterizando um fenômeno típico da pós-modernidade: a descentração das identidades nacionais .

No Brasil, a partir do período de redemocratização, na década de 1980, o ensino da história nacional com vistas a desenvolver, entre os alunos, o sentimento de ufanismo perde sua razão de ser.

Ao lado da decantada frase de que a história era a disciplina que deveria 'formar o cidadão crítico e consciente', os debates apontavam para outra finalidade da disciplina ligada a superação do ideário nacionalista do regime militar e repensar o problema de identidade social, bem como enfrentar os problemas dos preconceitos e racismos camuflados sob o slogan do Brasil ser o país da 'democracia racial'. Que país é esse? O que é ser brasileiro? Estas têm sido indagações de muitas propostas curriculares de história.

Tendo isso como base, realizamos uma pesquisa que teve como meta perceber a relação entre os conteúdos da história de Mossoró que estão presentes em sala de aula e a formação da identidade local. A pesquisa foi realizada em cinco escolas da rede pública municipal de Mossoró, tendo como sujeitos estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental. Participou da pesquisa um total de 218 alunos.

Nos questionários aplicados, perguntamos se o professor da disciplina de história já havia trabalhado conteúdos referentes à história local. Pedimos também para que o aluno explicitasse os conteúdos que já havia estudado. Através das respostas concedidas identificamos a forte presença da História Oficial da cidade na memória desses sujeitos, o que nos permite apontar para a contribuição da escola, e da disciplina de história em particular, na construção de uma identidade local homogênea.

Convém explicar o que entendemos por história local. Geralmente o termo local é utilizado para delimitar um espaço menor, inserido em um espaço mais amplo, sendo demarcado por leis institucionalizadas, que regulamentam onde começa e onde termina o território de uma cidade ou um Estado. Segundo Márcia Gonçalves, embasada em Alain Bourdin,

o local seria um recorte eleito por aquele que desejasse refletir sobre as experiências de sujeitos humanos em espaços sociais delimitados pelas proporções do que o saber matemático, no estabelecimento de mediações e grandezas, identifica como a unidade.

Em sua compreensão, não deve haver antagonismos exarcebados entre análises que elejam um recorte do local e do nacional. Ao contrário, deve-se perceber um sentido de complementaridade entre ambos os recortes. No presente artigo iremos considerar como local o município de Mossoró, lugar onde vivem os sujeitos de nossa pesquisa, bem como é o local onde estão presentes as instituições de ensino, por via das quais os alunos se relacionam com a história de Mossoró.

De início, nos surpreendeu o fato de que mais de 60% dos alunos responderam que o professor de história não costumava trabalhar conteúdos referentes à história local. Desta forma, iremos considerar doravante somente o total que afirmou já ter estudado a história de Mossoró e

que especificou os conteúdos estudados, sendo que essa porcentagem equivale a pouco menos de 40% do total de alunos participantes da pesquisa.

A respeito dos conteúdos da história local, o que mais aparece é o tema da *Resistência dos Mossoroenses ao Bando de Lampião*, presente em 92% das respostas. Em seguida aparece o tema da *Abolição dos Escravos em Mossoró*, citado por 7% dos alunos. Outros fatos presentes nas respostas dos alunos foram: o episódio conhecido como o *Motim das mulheres*, lembrado por 5,5% dos estudantes, e o *Primeiro Voto Feminino*, citado por 4,5% dos alunos. Foram citados também, a *emancipação política de Mossoró*, o *surgimento da cidade*, e um bastante confuso, a *História de Mossoró*.

Na EMDF ocorreu uma situação bastante peculiar. Quando perguntados sobre os conteúdos já estudados, 75% dos alunos do vespertino responderam: sobre os *políticos de Mossoró* e a *situação do povo mossoroense*. Um aluno, por exemplo, respondeu: [o professor] *“falou sobre os políticos, e o salário dos professores que é dado pelos políticos”*. Outros alunos disseram que o professor já tinha falado sobre a *má organização política de Mossoró*. De fato, a expressão que mais aparece nas respostas desses alunos é o termo *políticos de Mossoró*. Como se pode perceber, isso não implica que o professor esteja fazendo apologia aos políticos da cidade, uma vez que, pela análise dos questionários, o professor parece mais preocupado em mostrar as lacunas presentes na vida dos cidadãos mossoroenses e os problemas sociais que o poder municipal demonstra não observar.

As respostas que remetem à *Resistência dos Mossoroenses* representaram 37,5% do total de alunos desta instituição. É nesta escola onde a *Resistência* menos aparece. No turno matutino, por exemplo, dos dois estudantes que disseram já ter estudado a história de Mossoró, apenas um deles se referiu a *Resistência*.

Um fator interessante é a maneira como os alunos se referem a este evento. Um aluno desta mesma escola referiu-se da seguinte forma: [o professor] *“falou sobre o tempo de Lampião”*. Associamos esta resposta ao episódio da *Resistência* por acreditarmos que o aluno também tinha isso em mente. É evidente que podemos está cometendo um equívoco. O fato é que o cangaceiro Lampião entra – por assim dizer – para a história de Mossoró quando da invasão, por ele realizada, a esta cidade, em 1927, com o propósito de conseguir certa quantia em dinheiro. Não conseguindo os valores exigidos através de tentativas de acordo com o Prefeito Rodolfo Fernandes, decidiu invadir a cidade. Nesta oportunidade os mossoroenses organizaram a defesa da cidade para *resistir* a Lampião e seu bando. E de acordo com a História Oficial, empreenderam uma grande derrota aos cangaceiros. Essa versão Oficial da *Resistência* tem sido produzida por diversos memorialistas da cidade .

O desfecho deste episódio, bem como todo o fato em si, é rememorado através dos espetáculos teatrais *Chuva de Bala no País de Mossoró*, e *Auto da Liberdade* realizados anualmente pela Prefeitura. O primeiro é realizado no mês de junho, dia 13, data da invasão e da

resistência, onde a história é narrada de modo a ressaltar a crueldade do capitão Lampião, bem como a covardia de seu bando, mas, sobretudo, enfatizar as ações do Prefeito Rodolfo Fernandes, herói maior da *Resistência*, a quem coube a responsabilidade de evacuar a cidade e organizar a defesa, indicar locais para se construir trincheiras, requisitar armas e munição para o combate, e elaborar todas as estratégias no campo militar.

O espetáculo teatral *Auto da Liberdade*, que é ainda mais grandioso, ocorre na última semana de setembro. O *Auto da Liberdade* retrata, além do episódio da *Resistência*, mais três fatos históricos, todos ocorridos em Mossoró: a *Abolição dos Escravos*, o *Motim das Mulheres* e o *Primeiro Voto Feminino*, que juntamente com a *Resistência*, formam os chamados “*quatro atos de heroísmo em Mossoró*”, que se configuram nos pilares da própria História/Memória Oficial da cidade, sendo que esta expressão aspeada apareceu na resposta de um aluno da EMFM. Nesta mesma escola, se considerarmos que a resposta descrita acima se refere também à *Resistência*, podemos concluir que a *Resistência dos mossoroenses* foi mencionada por 100% dos alunos, sendo que a menção a este fato apareceu em mais de 57% das repostas sob a expressão, *chuva de bala no país de Mossoró*. Igualmente, com a exceção da resposta acima, levando-se em conta que ela pode remeter-se também aos outros atos heróicos além da *Resistência*, no mais, podemos afirmar que o episódio da invasão do bando de Lampião à Mossoró foi apontado pelos alunos desta escola como o único fato da história local já estudado em sala de aula.

Ainda no tocante a maneira como os alunos referem-se aos conteúdos estudados, destacamos também outros casos interessantes ocorridos desta vez na EMSB. Nesta escola, mais de 96% dos alunos se referiram a *Resistência* como conteúdo da história local já estudado. Nesta escola foi também o conteúdo mais estudado. Não obstante, o termo específico *resistência* só aparece em 26,5% das repostas. Este evento foi especificado por meio de expressões do tipo, “*invasão do bando de Lampião*”, “*Lampião e seu bando*”, “*história de Lampião*”, “*sobre Lampião*”, - e uma especialmente estranha – “*a resistência do bando de Lampião*”, ou tão somente, “*Lampião*”.

Situação semelhante foi encontrada na EMMA, onde não houve nenhum caso em que o aluno utilizou o termo *resistência* para se referir a este evento. Em contrapartida, o nome do cangaceiro Lampião se fez presente em todas as repostas, sendo que nesses casos encontra-se desvinculado de qualquer ligação com Mossoró, com a exceção de apenas uma. Em sua resposta um aluno destacou “*a invasão de Lampião em várias cidades, principalmente em Mossoró, que foi a cidade que o derrotou*”. Foi exatamente esta a única oportunidade que tivemos de identificar o discurso do pioneirismo da *Resistência* entre os sujeitos de nossa pesquisa. Vale salientar que a idéia de que foi Mossoró a primeira cidade a vencer Lampião é amplamente defendida e difundida pelo poder local, por meio dos discursos presentes nos espetáculos teatrais.

Na EMJB também identificamos a presença maciça de respostas em torno do ato da *Resistência*. Mais uma vez não houve uma especificação do termo *resistência*, porém, um aluno destacou que Lampião travou uma batalha em Mossoró. Quando questionado, ele responde: “a *história de Lampião, os ataques que a cidade sofreu etc.*”. Aqui, como nos demais detalhamentos que fiz dos resultados obtidos em cada escola, faço esse destaque no intuito elucidar uma idéia que venho tentando esboçar, qual seja, as respostas dos alunos, em sua grande maioria, não elucidam que houve uma luta entre os cangaceiros e os mossoroenses, uma vez que os alunos responderam já ter estudado “*Lampião*”, “*o bando de Lampião*”, “*sobre Lampião*”, e “*a história de Lampião*”. De fato, no turno vespertino desta escola, dos dezoito alunos que disseram ter estudado conteúdos da história local, o nome do cangaceiro Lampião aparece em dezessete respostas. A aparente única exceção afirmou que já havia estudado a “*história de Virgulino Ferreira da Silva*”.

Assim, temos que o total de alunos que não se referiu a nenhum dos quatro pilares da Memória Oficial equivale a apenas 5,6%. Uma quantidade mínima quando comparada à maioria de 94,4% de estudantes que se referiram a esses fatos privilegiados pelo poder público local, o que indica uma forte associação entre a memória local com a própria história local, de modo que uma parece ser sinônimo da outra.

Ora, o nome do cangaceiro Lampião foi citado em mais de 80,5% das respostas, somando as cinco escolas. As referências ao termo *resistência* aparecem em pouco mais de 10%. O nome de Lampião aparece desvinculado de quaisquer referências à Mossoró em 40% das respostas obtidas, ou seja, não aparecem nesses documentos idéias de que houve uma invasão, uma resistência, uma luta armada, enfim, o que é especificado nessas respostas não nos remete, através apenas das palavras, a um quadro de guerra. Para um observador que não esteja situado quanto às questões culturais da cidade de Mossoró, e porventura tenha acesso a esses documentos, poderá pensar que o mossoroense se identifica bastante com o cangaceiro Lampião, em vista do fato que o seu nome permeia mais de 80% dos questionários, parecendo, inclusive, que há conteúdos da história local que se remetem exclusivamente a Lampião e seu bando.

Dissemos no início deste artigo que a disciplina de história não se ocupa mais da construção de uma identidade una. As atuais propostas curriculares apontam para a necessidade de uma preocupação maior com as múltiplas identidades, como as de classe, gênero, sexualidade, religião, raça, etnia, etc.

Em Mossoró, a disciplina de história parece andar na contramão dessa tendência. A presença dominante no imaginário dos alunos de conteúdos que remetem quase que exclusivamente aos fatos pertencentes à Memória Oficial, que está a serviço do poder público local, sendo utilizada como estratégia de legitimação, nos faz perceber uma relação muito próxima entre a história ensinada em Mossoró e a história ensinada nas primeiras décadas da

República. De acordo com Bittencourt, a escola detinha um importante papel na construção da memória nacional. Porém, não era vista como suficiente, daí a necessidade dos festejos cívicos, bem como as conseqüentes apropriações destes rituais – culto a bandeira, cantar os hinos da nação – dentro da própria escola.

Em Mossoró temos uma situação muito semelhante, uma vez que há uma participação maciça dos estudantes na realização dos espetáculos teatrais, *Chuva Bala no País de Mossoró* e principalmente no *Auto da Liberdade*, configurando um importante campo ainda a ser investigado.

Sobre este aspecto em particular, houve um caso que me chamou atenção. Na EMJB, um aluno citou como conteúdos estudados, “*libertações dos escravos, o bando de Lampião, Celina Guimarães, sobre o 30 de setembro, a revolução das mulheres*”. Associamos estas palavras aos quatro fatos históricos que compõem a Memória Oficial, encenados no espetáculo *Auto da Liberdade*. Vale salientar que com a exceção deste aluno e de outro, que afirmou ter estudado alguma coisa relacionada ao cangaço, os demais estudantes disseram que o professor não costumava tratar de assuntos da história local. As palavras deste aluno me pareceram bastante relevantes, pois foi o único da turma, e um dos poucos do total entrevistado, que se referiu a todos os quatro pilares da história local. Como foi nesta escola onde tive mais acesso aos alunos e à própria diretoria, no decorrer de nossas observações, descobri que este aluno estava participando do espetáculo *Auto da Liberdade*. Talvez seja aí onde reside a explicação para ele ter citado os quatro fatos históricos.

Foi também este aluno o único que citou o nome de Celina Guimarães. Note-se que não foi especificado o episódio do *primeiro voto feminino*, o nome aparece desvinculado do fato o qual faz parte. Na EMSB, um aluno mencionou este fato histórico, dizendo que o seu professor falou sobre a “*mulher que votou pela primeira vez*”. Aqui, é o nome da personagem que não aparece.

De fato, os heróis mossoroenses, os quais o poder público local se esforça em preservar como exemplos a serem seguidos pelo povo do lugar não foram lembrados de forma significativa pelos alunos, o que nos leva a pensar que os estudantes não parecem se identificar com esses vultos do passado. Ora, a professora Celina Guimarães Viana, famosa por ter sido a primeira mulher em toda a América Latina a exercer o direito de voto, uma autêntica heroína de Mossoró, de acordo com a elite da cidade, teve o seu nome lembrado por apenas um aluno. Os heróis da abolição da escravatura em Mossoró, assim como a personagem principal do Motim das Mulheres, Ana Floriano, não tiveram seus nomes lembrados de forma alguma pelos estudantes. E até mesmo os heróis da Resistência, de longe o fato mais lembrado pelos alunos, se encontram no mesmo patamar, ou seja, o eventualismo também ajuda a minar a participação de sujeitos históricos, até mesmo os vultos.

Enquanto o nome de Lampião foi citado por mais de 80,5% dos alunos, o prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, que foi quem cuidou da defesa da cidade e é considerado o grande

herói da *Resistência*, foi lembrado por apenas um aluno. Desta forma, Rodolfo Fernandes e Celina Guimarães estão empatados com Maria Bonita, todos estes citados uma única vez e por alunos distintos.

Esses dados elucidam a fraca lembrança dos alunos quanto aos nomes dos grandes vultos da história de Mossoró, e conseqüentemente a fragilidade dessa identidade homogênea, que é produzida por meio do enraizamento de uma memória coletiva.

Criar mecanismos para que essas memórias sempre permeiem as mentalidades coletivas tem sido uma grande empresa promovida pela elite mossoroense. Na cidade, existem intelectuais que discutem essa construção de memórias, que pretende consolidar uma identidade local homogênea. Um dos expoentes dessa geração, o professor Emanuel Braz, em seu livro sobre a construção do pioneirismo libertário mossoroense, argumenta que a memória precisa ser alimentada cotidianamente. Isso é feito através de mecanismos de resignificação dos fatos históricos, quando essa memória é engrandecida, alterada, moldada e manipulada, para que possa se tornar a própria História, prevalecendo a visão do fato que se quer manter.

Ultimamente, tem-se dado uma grande ênfase a outro episódio da história de Mossoró, conhecido como a *Resistência dos mossoroenses ao bando de Lampião*. Essa valorização também é empreendida pela elite local da cidade.

A pesquisa que realizamos apontou para esse fato, uma vez que a *Resistência* foi o fato histórico mais citado pelos alunos, em um total de 92% dos entrevistados, enquanto a *Abolição* foi mencionada por menos de 7% dos alunos. Quanto aos estudantes que citaram a *Abolição* como conteúdo estudado, é interessante notar que nenhum deles demonstra trazer a defesa de um pioneirismo libertário, ao contrário do que havíamos pensado de início.

Talvez ter sido alvo de críticas relacionadas à flagrante manipulação ideológica em torno da abolição dos escravos, tenha contribuído para uma mudança do foco valorizador do poder público de Mossoró. Para que não nos percamos na exemplificação excessiva dessa idéia, destacamos: a nomeação da sede da Prefeitura como o *Palácio da Resistência*, a criação de um espetáculo teatral exclusivo para a comemoração da *Resistência ao bando de Lampião* – o *Chuva de Bala no País de Mossoró* – a construção de um *Memorial da Resistência*, e o patrocínio à *Exposição Literária da Resistência*.

Outro dado curioso pode ser verificado no Museu Municipal Lauro da Escóssia, onde mesmo estando com o seu acervo praticamente encaixotado desde 2001, na sala aberta à visita há uma exposição de fotografias que remetem ao episódio da invasão dos cangaceiros em Mossoró. Fotos de Lampião e seu bando, de Jararaca feito prisioneiro, de heróis anônimos que lutaram nas trincheiras da resistência, do prefeito Rodolfo Fernandes e da carta que Lampião lhe escreveu exigindo o dinheiro, etc. São essas imagens que os visitantes podem contemplar quando da visita ao Museu. Todas elas deixam claro qual é a memória que se quer preservar. Nesta sala não identificamos qualquer referência à Abolição dos Escravos.

Um detalhe interessante é que no livro do professor Emanuel Braz encontramos referências consideráveis ao Pantheon dos Abolicionistas, monumento construído em homenagem aos heróis da abolição, localizado em um compartimento no próprio Museu Municipal. De acordo com Braz, “*mesmo ao olhar de qualquer visitante desavisado, ao entrar no Museu de Mossoró, não passará despercebido o Pantheon dos Abolicionistas*”. O monumento ainda está lá, todavia, não há nenhuma indicação do que ele representa. O nome, Pantheon dos Abolicionistas, como é mostrado em uma fotografia presente no livro, já não se encontra mais gravado na parede daquela sala.

Isso nos faz lembrar das palavras de Eric Hobsbawm. Ao falar do fenômeno da invenção de tradições, o historiador disserta da seguinte forma:

Espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; [...] Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta .

A crítica empreendida pelos intelectuais alterou de modo significativo a visão dos mossoroenses quanto ao pioneirismo abolicionista. Atualmente, não são todas as escolas da cidade que ensinam suas crianças que foi Mossoró a primeira cidade do Brasil a libertar seus escravos. Ao menos nas escolas, as quais escolhemos como laboratório de pesquisa, não identificamos nenhum aluno que defendesse o pioneirismo mossoroense nessa perspectiva.

O próprio historiador Emanuel Braz já nos dá amostras de que o 30 de setembro não é o marco mais expressivo da história de Mossoró, isso na visão dos próprios cidadãos do lugar. A ausência da identificação do povo da cidade com esses heróis da Abolição demonstra o quanto pode ser frágil essa identidade, uma vez que a relação do povo com o herói, como nos lembra Paulo Miceli, é uma coisa sagrada. Em palavras muito próximas àquelas de Hobsbawm, Miceli defende a idéia de que:

Esta relação do herói com seus seguidores também representa risco à sua condição, pois tão logo o grupo que se quis representado nele, por qualquer motivo, fique impedido de sustentar esta identificação, o herói será substituído por outro que melhor simbolize a esperança que ele pareceu encarnar .

Essas considerações não fogem à nossa proposta de análise sobre o papel do ensino da história local na formação de uma identidade mossoroense. Esse conjunto de exemplos da manipulação da história servem para demonstrar a ênfase dada pela elite de Mossoró em se criar uma identidade local, sendo que a disciplina de história parece está contribuindo para a cristalização dessa memória.

Pelo que podemos perceber, a relação entre a história local, ensinada nas escolas, e o projeto de institucionalização de uma identidade local única, por meio dos festejos comemorativos, parece ter pontos em comum com a situação analisada por Bittencourt, descrita no início deste trabalho.

A história local presente no imaginário dos alunos, parece consistir em uma memória histórica desejável. Essa condição, como nos lembra o professor Fabiano Mendes, representa um risco para própria História, pois:

a memória local, mais que a história local, precisa de vultos, de poderosos inimigos derrotados, precisa da sagacidade dos homens bons (que geralmente são ricos em várias instâncias), precisa de monumentos de vitória e do repisado constante dos grandes feitos passados, precisa apagar dos arquivos a rala ralé, os conflitos não podem ser trazidos para o presente, devem pertencer a um passado atemporal, mítico, quando ainda se pelejava pela formação adequada que se tem de manter .

São essas as necessidades e as exigências da memória, que através de estratégias cotidianas de resignificação pode chegar a tomar o lugar da própria história.

A defesa da cidade contra o assalto dos cangaceiros deu a oportunidade de se construir uma nova história, ou uma nova memória, muito mais autêntica, desta feita com heróis genuinamente mossoroenses, que não por acaso tem como personagem principal um prefeito. E essa memória, recheada de vultos e de feitos heróicos, tem como idealizadora e construtora a mesma elite local, herdeira de fato e de direito dessas ações do passado.

É preciso que os professores de história não caiam nesses vícios memorialistas. Antes, procurem também dar conta de outras memórias que estão sendo silenciadas por todo esse peso de mais uma tradição inventada, de mais uma identidade provisória, que tentará fixar raízes por toda eternidade, ou até o dia em que se encontre uma melhor.